



## A diversidade da Agricultura Familiar e a elaboração de Tipologias

### *The Family Farm diversity and the typologies elaboration*

José Tobias Marks Machado<sup>1</sup>, Jeferson Tonin<sup>2</sup>, Adrik Francis Richter<sup>3</sup>, Daniela Garcez Wives<sup>4</sup>

**Resumo** - Este trabalho tem como objetivo realizar uma análise descritiva sobre as diferentes abordagens utilizadas para a captação da diversidade da agricultura, em especial da agricultura familiar. Nesse sentido são destacados os referenciais positivistas, realistas e hermenêuticos envolvidos a busca da percepção da diversidade e da elaboração de tipologias. Em virtude de ter-se como entendimento a necessidade da busca de referenciais que possam ir além das metodologias positivistas, para a análise da realidade, o trabalho discute a elaboração de tipologias nas abordagens dos estilos de agricultura e de sistemas agrários. A primeira tendo como característica marcante uma maior aproximação ao referencial hermenêutico, podendo ser considerada como uma derivação do aporte teórico metodológico de Norman Long e Jan Douwe van der Ploeg. A segunda desenvolvida pela escola de francesa de estudos agrários, tendo como expoentes Marcel Mazoyer e Laurance Roudart. Enquanto para os estilos de agricultura a relação estabelecidas entre os agricultores e os mercados tem sido central para a elaboração de tipologias, a abordagem de sistemas agrários utiliza as características dos diferentes sistemas de produção empreendidos pelos agricultores, no decorrer do tempo, como categoria analítica importante no processo apreensão da diversidade. A análise realizada neste estudo possibilitou perceber que embora os referenciais positivistas sejam mais influentes, as abordagens de estilos de agricultura e sistêmica apresentam potenciais para o entendimento da complexidade da agricultura.

**Palavras-chave:** estilos de agricultura, sistemas agrários, positivismo, realismo, hermenêutica

**Abstract** - *The objective of this work is to make a descriptive analysis of the different approaches used to capture the diversity of agriculture, especially family farming. In this sense, the positivist, realistic and hermeneutical references are highlighted, the search for the perception of diversity and the elaboration of typologies. Because the understanding of the need to seek references that go beyond positivist methodologies for the analysis of reality, the paper discusses the elaboration of typologies in the approaches of agriculture styles and agrarian systems. The first one having as a remarkable characteristic a greater approximation to the hermeneutical reference, being able to be considered as a derivation of the theoretical methodological contribution of Norman Long and Jan Douwe van der Ploeg. The second one developed by the French school of agricultural studies, with exponents Marcel Mazoyer and Laurance Roudart. While for agriculture styles the relationship*

*established between farmers and markets has been central to the development of typologies, agrarian systems use the characteristics of the different production systems undertaken by farmers as an important analytical category in the process of apprehending diversity.*

**Keywords:** *agriculture styles, agricultural systems, positivism, realism, hermeneutics*

## INTRODUÇÃO

O aprofundamento teórico sobre agricultura familiar, no caso brasileiro principalmente a partir da década de 1990, permitiu avanços consideráveis sobre o conhecimento desta complexa categoria social. O maior interesse no tema, por parte dos pesquisadores, suscitou no fato de que os mais variados problemas de pesquisa surgiram e foram analisados nos últimos 20 anos. Dentre as muitas preocupações dos estudiosos da agricultura familiar, a busca sobre o conhecimento da diversidade desta categoria social adentrou e tem permanecido como assunto vigente nas discussões do meio acadêmico.

Como destacado por Conterato (2010), abordar a diversidade e a heterogeneidade da agricultura, de um modo geral, requer o esforço de tradução da realidade empírica, sendo tal esforço mais complexo quanto mais diversas forem as formas de manifestação do objeto a ser analisado. Desse modo, levando-se em conta a diversidade e a riqueza cultural, social, ambiental e histórica do meio rural brasileiro não é difícil constatar os limites de uma única definição para agricultura familiar.

Nesse sentido, embora a definição normatizada da agricultura familiar possa ser entendida como a base de sua legitimação perante a sociedade e tenha e facilitado o desenvolvimento de políticas públicas para a categoria, é sabido que a mesma comporta uma vasta gama de formas sociais, com modos de produção, sociabilidades e repertórios culturais distintos (NIEDERLE, 2009). O autor ainda destaca que, sob o amplo guarda-chuva desta categoria abrigaram-se distintos e variados grupos sociais.

Assim, passada a fase de reconhecimento da agricultura familiar é plausível e necessária a busca e o aprimoramento de aportes teóricos e metodológicas capazes de subsidiarem a maior inteligibilidade da categoria. Desse modo, esse trabalho tem como objetivo fazer uma análise descritiva sobre diferentes abordagens utilizadas para a captação da diversidade da agricultura, buscando demonstrar em especial seus potenciais usos para análise da agricultura familiar.

### **BREVE RESGATE SOBRE O ESTUDO DA DIVERSIDADE DA AGRICULTURA**

O estudo da diversidade do universo empírico é desde os primórdios um dos propulsores da ciência. No que tange a agricultura, embora no Brasil sejam relativamente recentes o desenvolvimento de trabalhos que busquem apreender sua diversidade essa preocupação já instigou estudiosos do mundo rural em períodos pretéritos. Ainda nos primórdios do século XX, preocupado com o desenvolvimento do capitalismo na Rússia e tentado comprovar a tese de “Desintegração do Campesinato”, Vladimir Lenin utilizou dados estatísticos para classificar e agrupar os estabelecimentos agrícolas de acordo com seu tamanho, uso de tração animal, número de trabalhadores e modo de uso da terra<sup>1</sup>.

Não entrando no mérito das conclusões levantadas pelo autor, deve-se salientar a perspicácia e pioneirismo dessa tentativa de classificação e sistematização dos dados disponíveis sobre os estabelecimentos agrícolas, permitindo ter-se um panorama geral sobre a situação da agricultura soviética da época. Porém, como salientado por Schneider (2016), embora a classificação seja um ponto de partida para o entendimento da realidade, atualmente é a elaboração de *tipologias científicas* baseadas em métodos passíveis de serem provados, aferidos, replicados e portanto legitimados que figuram como os mais empregados para a apreensão da realidade. Para o autor, a elaboração de tipologias varia segundo as diferentes abordagens teóricas, que por sua vez apresentam métodos específicos a serem seguidos.

1 No total Lenin avaliou sete províncias russas e apontou a inexorável tendência de desaparecimento do campesinato (LENIN, 1988).

Há na sociologia rural três modelos de elaboração de tipologias, os quais estão imersas em um contexto epistemológico específico. Sendo estas as tipologias *positivistas*, *realistas* e *hermenêuticas*. A primeira parte de um viés de *organização* da realidade para identificar e agrupar os objetos pelas suas semelhanças e diferenças formais e morfológicas. A abordagem realista, por sua vez, busca o estabelecimento de relações de causa versus efeito, a partir de procedimentos dedutivos. Já na abordagem hermenêutica, identifica as tipologias através dos discursos e das representações, buscando explicar aspectos comportamentais e cognitivos (SCHNEIDER, 2016).

No âmbito nacional os primeiros estudos que objetivaram a elaboração de tipologias mais aprimoradas para caracterização da diversidade da agricultura foram desenvolvidos por Kageyama e colaboradores. Em um estudo desenvolvido com dados do censo agropecuário de 1980, Kageyama e Bergamasco (1989) utilizaram como variável classificatória, para construção de uma “tipologia”, a composição da força de trabalho dos estabelecimentos enfatizando a distinção entre trabalho familiar (considerado como o não remunerado) e trabalho contratado (permanente ou temporário)<sup>2</sup>. A preocupação em elaborar uma tipologia que levasse em consideração uma variável que refletisse possíveis diferenças nas formas de organizar a produção e o trabalho, se justificava pelo fato que até então grande parte das análises que tiveram a intenção de compreender a estrutura da produção agrícola, privilegiava apenas a classificação das unidades produtivas pelo seu tamanho.

Outro importante estudo, nessa mesma linha, que buscou apreender a diversidade do meio rural foi o desenvolvido pelo convênio FAO/INCRA (1994). Metodologicamente esse trabalho baseou-se em dados censitários, do ano de 1985, e classificou os estabelecimentos, também, pelo uso da mão de obra. Como conclusão o estudo apontou que 74,8% dos estabelecimentos brasileiros eram considerados como familiares. O diferencial desse trabalho se deu pela classificação do universo dos estabelecimentos familiares em três tipologias, sendo estas agricultores familiares consolidados, em transição, e periféricos. Tais tipos, por sua

2 Como segunda variável classificatória os autores utilizaram o tamanho da área e a utilização de tratores.  
Revista da 14ª Jornada de Pós-Graduação e Pesquisa. ISSN 1982-2960 2526-4397.  
Submetido: 21/08/2017 Avaliado: 27/09/2017.  
Urcamp Bagé - RS, vol. 14, n.14, 2017.

vez, seriam categorias básicas para o direcionamento de crédito do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), criado posteriormente em 1996. Mais tarde, no convênio FAO/INCRA (2000), tal categorização seria incrementada pelo uso do valor da remuneração do trabalho dos agricultores, classificando os estabelecimentos familiares em quatro tipos (GUANZIROLI, 2000).

Do ponto de vista teórico o modelo de tipologia desenvolvidos nos trabalhos por Kageyama e Bergamasco (1989) e do projeto de cooperação FAO/INCRA (1994) alinham-se aos preceitos positivistas, uma vez que tiveram o intento de, via dados secundários, agrupar os estabelecimentos agrícolas pela suas semelhanças e diferenças. Porém ao destacarem a importância da mão de obra familiar no desenvolvimento de suas tipologias, esses trabalhos tiveram contribuição crucial na construção da noção de agricultura familiar, que pelas convergências políticas e contribuições acadêmicas, destes e de outros autores, acabariam por suportar a legitimação enquanto categoria social, da agricultura familiar, na década de 1990 (SCHNEIDER, 2016).

Schneider (2014), trata esse período como uma fase de “(re)descobrimto da agricultura familiar”, no que diz respeito a academia é nesse momento que há intensa reorientação dos debates acadêmicos sobre ruralidade, e principalmente a partir da segunda metade dos anos 1990 se assiste-se uma retomada dos estudos agrários e rurais (SCHNEIDER, 2010). Assim, no que tange a apreensão da diversidade da agricultura, além dos referenciais positivistas os quais tinham sido muito utilizados inicialmente, pode-se avançar no desenvolvimento de modelos mais próximos aos referenciais realistas e hermenêuticos. Dentro de tais referenciais destacam-se a abordagem dos estilos de agricultura e de sistemas agrários, os quais terão um aprofundamento teórico feito na seção que se segue.

## **REVISÃO DOS PRINCIPAIS CONCEITOS E REFERENCIAIS DA ABORDAGEM DOS ESTILOS DE AGRICULTURA E DE SISTEMAS AGRÁRIOS**

De acordo com Conterato (2008) o que podemos chamar de abordagem em Estilos de Agricultura (*Farm Styles*) remete-se a uma derivação do aporte teórico e metodológico desenvolvido por Norman Long e Jan Douwe van der Ploeg, a partir

dos anos 1990. No entanto, a primeira ideia sobre a abordagem surge ainda na década de 1940 do século passado na Universidade de Wageningen na Holanda. A introdução do conceito foi feita por Evert Hofstee, sociólogo e pesquisador que tinha como interesse estudar as causas da diversidade na agricultura.

No trabalho pioneiro desenvolvido na província de Groningen, o grupo de pesquisadores liderados por Hofstee analisou comparativamente duas áreas rurais que apresentavam condições semelhantes para o desenvolvimento agrícola. Contrariando a hipótese inicial dos pesquisadores, constatou-se que mesmo sobre condições homogêneas, o modo de desenvolver a agricultura era contrastante em cada uma das áreas, não havendo *a priori* uma explicação baseada em questões estruturais para algum tipo de diferenciação. Diante disso Hofstee atrelou a heterogeneidade à questões relacionadas ao prestígio social dos agricultores, que por sua vez colocavam em prática um determinado *estilo de agricultura* (COMMANDEUR, 2003). Desse modo, como destacado por Ploeg (1994), originalmente essa abordagem buscava compreender as diferenças inter-regionais da agricultura europeia, articulando dimensões da cultura e da territorialidade. Tal dimensão cultural seria posteriormente também articulada por Ploeg no seu conceito de estilos de agricultura (PLOEG, 1994).

No entanto apenas mais tarde, diante à crise e ruptura com paradigmas que haviam delineado os estudos rurais no pós guerra, que seria possível a incorporação de novos elementos ao debate acerca dos estilos de agricultura (ELLIS et al., 2001). De acordo com Long (2007) na metade dos anos 1980 uma intensa discussão passaria a ser realizada para resolver as limitações teóricas e metodológicas das teorias estruturalistas, as quais assumiam uma tendência determinista e linear na interpretação da realidade. Desse modo, tanto as teorias da modernização como os referenciais marxistas, que fundamentavam-se na concepção de submissão e integração do mundo rural à estrutura global capitalista, passaram a ser contestadas. Long (2007), salienta que o grande problema de tais teorias se dava por não considerarem, de modo algum, a capacidade de ação e elaboração de estratégias por parte dos indivíduos inseridos nos contextos de privação. Para o autor tais teorias eram “vazias de pessoas”.

Commandeur (2003) destaca que a contribuição de Norman Long sobre a necessidade de considerar-se a agência dos indivíduos, teve importância central no desenvolvimento da abordagem. A incorporação dessa contribuição ao conceito de estilos de agricultura aproximou a abordagem à lógica produtiva e social das unidades familiares, tornando-se uma perspectiva diretamente orientada ao ator, onde perceber a capacidade de agência destes, quando em condições estruturais similares, é de fundamental importância (SCHNEIDER, 2008). Um segundo conceito sistematizado na abordagem original foi a questão da relação com os mercados. De acordo Ploeg (1994) as mudanças na estruturação do mercado e da orientação do desenvolvimento tecnológico, configuraram novas respostas e inter-relações dos agricultores com as políticas agrárias nacionais e internacionais.

Enquanto as teses estruturalistas e principalmente as ligadas aos marxismo ortodoxo sugeriam um determinismo na interação dos agricultores com o mercado - o qual se traduziria em uma inexorável especialização produtiva, subordinação ao capitalismo e perda da diversidade - Ploeg (1994) por outro lado, sustenta que o resultado mais geral do desenvolvimento do capitalismo na agricultura é de produzir a heterogeneidade. Isso pois o complexo jogo entre normas, práticas e relações com os mercados está intimamente relacionado ao conjunto de estratégias que os agricultores desenvolvem (NIEDERLE, 2007), sendo que os próprios estilos de agricultura são representações destas estratégias.

Assim Ploeg (2003; 1994), destaca que o desenvolvimento de estilos de agricultura diferenciados podem figurar como algumas das respostas do próprio processo de modernização da agricultura. Assim, alguns estilos podem convergir diretamente para a absorção e reprodução da modernização, enquanto outros podem se calcar em estratégias diferenciadas, que não impliquem em sua absorção, por exemplo. A possibilidade do desenvolvimento de uma estratégia diferenciada em relação aos mercados acaba por configurar o que Ploeg chama *espaços de manobra* que funciona como ponto de sustentação da agricultura camponesa

Ainda, intimamente relacionada a essas duas possibilidades, se desenvolvem também os conceitos de *autonomia e dependência*. Enquanto o desenvolvimento de um estilo de agricultura calcado na absorção dos pacotes da modernização se

traduz em uma busca externa das bases para o desenvolvimento da agricultura e consequente dependência, o desenvolvimento de um estilo de agricultura baseado na conservação de uma *base de recursos*<sup>3</sup> se traduz em um desenvolvimento mais autônomo da agricultura.

Finalmente dado ao caráter multidimensional do conceito de estilos de agricultura Ploeg (1994) o sintetiza em três elementos interligados, sendo estes: i) o conjunto de noções estratégias, valores e percepções que um grupo de agricultores utiliza para organizar sua unidade de produção; ii) um conjunto específico de inter-relações entre a unidade de produção e os mercados e iii) uma estruturação específica da prática agrícola que corresponde a uma noção estratégica do seu repertório cultural. Desta forma como salientado por Conterato et al. (2010), o conceito de estilos de agricultura apresenta-se como uma proposta para definir operacionalmente a natureza da diversidade da agricultura, constituindo-se também um elemento teórico central para analisar o grau de mercantilização das explorações agrícolas.

Tratando-se da elaboração de tipologias para apreensão da diversidade, Schneider (2008) destaca que dado ao pluralismo metodológico da noção dos estilos de agricultura, a construção de tipos nessa abordagem utiliza uma perspectiva hermenêutica focalizando os discursos e as representações dos agricultores em relação a si mesmos e aos demais. Também para o desenvolvimento de tipos Schneider (2016), argumenta que a abordagem dos estilos de agricultura representa uma aplicação interessante dos estudos de estratificação social e dos *tipos ideais* desenvolvidos Max Weber, fundador da sociologia compreensiva.

Nessa perspectiva, parte-se do pressuposto que a realidade é complexa e que sua totalidade não pode ser reduzida ou simplesmente capturada por categorias do pensamento. Então a elaboração de um instrumento heurístico a partir do qual podem ser observadas as regularidades e semelhanças se torna importante. Assim, faz-se uso dos tipos ideais, que se configuram como uma abstração da realidade, mas que servem como referência para a o entendimento da mesma. Desse modo,

3 Pra discussão mais aprofundada ver texto: O que é, então, campesinato? In: PLOEG. J. D. Camponeses e Impérios Alimentares (2008).



na abordagem dos estilos de agricultura, cada estilo figuraria como um tipo ideal construído para agrupar determinados agricultores (SCHNEIDER, 2016). Ploeg (2008) ao discutir o “Panorama Geral” aponta três tipos de agricultura, as quais por sua vez figuram como tipos ideais, sendo esta a agricultura camponesa, a agricultura empresarial e a agricultura capitalista. Aos tipos ideais parecem também se aproximar os estilos de agricultura identificados por Conterato (2008), e que serão melhor explorados na última seção.

Em relação a abordagem de Sistemas Agrários Mazoyer & Roudart (2010), descrevem que essa consiste em um aparato teórico que disponibiliza elementos capazes de apreender a complexidade de cada forma de agricultura e de perceber, em grandes linhas, as transformações históricas e a diferenciação das características da paisagem nas agriculturas empreendidas pelo homem. Para Miguel (2009) os instrumentos intelectuais mobilizados pela abordagem de sistemas agrários apresentam a função heurística de apreender, analisar, compreender e explicitar uma realidade infinitamente complexa, extremamente diversificada e constantemente mutável.

O contexto de desenvolvimento de tal abordagem remete-se a década de 1960, momento em que há um aprofundamento da modernização da agricultura em várias regiões do mundo. Assim, para Miguel (2009), dado a grande necessidade de se aprofundar a compreensão dos processos complexos que cercavam a agricultura e a dinâmica dos espaços agrários, procedeu-se uma progressiva reelaboração e ajuste do conceito de sistema agrário, o qual havia sido originalmente elaborado pelos geógrafos. Uma inovação importante para época foi que a concepção da abordagem calçou-se em um viés *sistêmico* o qual se diferenciava da abordagem analítica e cartesiana, hegemonicamente utilizado nas Ciências Agrárias.<sup>4</sup>

No âmbito destas ciências Mazoyer (1985) apresentaria a definição de Sistema Agrário, o qual corresponde a um modo de exploração do meio historicamente constituído e durável, um conjunto de força de produção adaptado às condições bioclimáticas de um espaço definido e que responde às condições e às

4 Para aprofundamento dessa discussão ver artigo “Abordagem Sistêmica e Sistemas Agrários” (MIGUEL, 2008).

necessidades sociais do momento. Sendo que a caracterização de um sistema agrário resulta da combinação e interação sistêmica entre dois subsistemas principais: o *ecossistema cultivado* e o *sistema social produtivo*, os quais são componentes principais da unidade de produção agrícola (MAZOYER & ROUDART 2010).

O ecossistema cultivado diz respeito à forma como se organizam os constituintes físicos, químicos e biológicos do sistema agrário, correspondendo assim às modificações, mais ou menos profundas, impostas aos ecossistemas naturais para que a sociedade, nele instalada, obtenha produtos de seu interesse (SILVA NETO, 2015). Por sua vez o sistema social é composto por meios humanos (força de trabalho, conhecimento e *savoir-faire*), meios inertes (instrumentos e equipamentos produtivos) e meios vivos (plantas cultiváveis e animais domesticados), os quais dispõem a população agrícola de determinada época, para renovar e explorar a fertilidade do ecossistema cultivado; satisfazendo suas necessidades diretamente pelo autoconsumo, ou indiretamente via relações de troca (MAZOYER & ROUDART 2010). O estudo da organização, do funcionamento e das inter-relações desses dois subsistemas, a grosso modo, permitem o entendimento da dinâmica de um Sistema Agrário. Por esse ponto de vista ao longo do tempo podem nascer, se desenvolver e declinar diferentes sistemas agrários que constituem etapas de uma série evolutiva de uma determinada região (MIGUEL, 2009).

Wives (2008) salienta que os trabalhos que utilizam essa abordagem, e que por consequência se apropriam no enfoque sistêmico, passam a *analisar as inter-relações de causa e efeito* entre os diferentes elementos que estão imbricados na realidade dos fenômenos rurais. Cabe pontuar assim, o referencial realista da abordagem, uma vez que faz uso de procedimentos dedutivos no estabelecimento das relações causais e/ou estruturais.

De acordo com Miguel (2009), a operacionalização do conceito de sistema agrário na apreensão da realidade e da diversidade agrária perpassa quatro etapas básicas. A primeira consiste no chamado de *zoneamento regional*, na qual são identificados os elementos do tipo antrópico e do tipo ecológico, onde é buscado

pelo pesquisador descrever as diferentes “paisagens agrárias” e suas características fundamentais. Por conseguinte ao conhecimento da paisagem faz-se a caracterização da evolução histórica da agricultura, onde são pontuados aspectos condizentes a evolução e diferenciação da agricultura no tempo. Esse primeiro momento analisa a agricultura em um nível macro, também chamado de nível de sistema agrário.

É posteriormente a essas duas primeiras etapas de cunho qualitativo é que passa a ser desenvolvida a caracterização e o desenvolvimento de tipologias para apreender a diversidade da agricultura. Silva Neto (2015) destaca que a análise histórica da agricultura permite apreender os processos de diferenciação social ao longo do tempo e fornece subsídios para a elaboração de pré-tipologias. Por sua vez Miguel (2009) descreve que pelas características e especificidades identificadas nas diferentes unidades de produção do local estudado, é que deve ser feita a construção teórica dos diferentes tipos de sistemas de produção. Esse segundo momento tem como característica de ser realizado em um nível micro, do sistema de produção propriamente dito.

Segundo Dufumier (2007) os sistemas de produção correspondem à forma como os agricultores organizam suas atividades no interior das unidades agrícolas. Ainda para o autor, embora a diversidade das situações ecológicas, sociais e históricas fazem como que no limite cada unidade de produção seja única, é possível agrupar os sistemas de produção tanto pela similaridade de seus sistemas de cultivo e de criação, como também pelos seus problemas comuns. Além das características dos sistemas de produção Silva Neto (2015) e Miguel (2009) sinalizam a utilização de categorias sociais básicas para ter-se uma maior inteligibilidade da diversidade da agricultura, sugerindo o uso de categorias como: *agricultores familiares, agricultores patronais e empresários rurais*. Sendo feita definição da tipologia dos agricultores por sua categoria social e pelas características dos sistemas de produção desenvolvido.

Sobre a abordagem de sistema agrários cabe pontuar ainda que, embora inúmeros trabalhos utilizando esse referencial tenham sido desenvolvidos, é a obra de Mazoyer & Roudart (2010), “*História das agriculturas no mundo*” a qual figura

como representativa em âmbito mundial da abordagem. Além do referencial próximo ao realismo apontado aqui que a abordagem carrega, não se pode deixar de ressaltar, o viés mais próximo ao estruturalismo, o qual fica explicitado na argumentação sobre o desenvolvimento e crise geral da agricultura hegemônica e contemporânea<sup>5</sup>.

### **À GUIA DE CONCLUSÃO: A CAPTAÇÃO DA DIVERSIDADE DA AGRICULTURA PELA ABORDAGEM DOS ESTILOS DE AGRICULTURA E DE SISTEMAS AGRÁRIOS**

Utilizando a abordagem dos estilos de agricultura para o desenvolvimento de tipologias Conterato (2008; 2010), buscou apreender a diversidade da agricultura familiar em três regiões do Rio Grande do Sul (Região da Serra, das Missões e Alto Uruguai). Partindo da análise do conjunto de práticas desenvolvidas pelos agricultores, o estudo identificou cinco diferentes estilos. Sendo estes, i) agricultura familiar altamente descapitalizada e economicamente vulnerável; ii) agricultura familiar capitalizada, altamente especializada e mercantilizada; iii) agricultura familiar voltada para o autoconsumo e dependente das transferências sociais; iv) agricultura familiar descapitalizada, especializada e dependente da produção de *commodity*; e v) agricultura familiar diversificada na perspectiva não agrícola e altamente capitalizada. Embora não se possa entrar mais a fundo na caracterização de cada estilo, fica explicitado na própria nomenclatura a importância das relações que os agricultores estabelecem com os mercados, agrícolas e não agrícolas. Nesse sentido, como anteriormente destacado, para os estilos de agricultura a apreensão dos espaços de manobra são centrais na identificação da diversidade.

Na obra em que é aplicada a abordagem de sistemas agrários para a análise da agricultura do Rio Grande do Sul, Silva Neto et al. (2015), fazem uso de onze estudos regionalizados<sup>6</sup> para caracterização da agricultura gaúcha. Para todos os

5 Para mais detalhes consultar capítulo XI “Crise Agrária e Crise Geral” do livro citado.

6 Deve-se pontuar que além desta, a obra é composta por mais duas partes, Uma onde é destacada a formação histórica da agricultura, e outra onde são destacadas recomendações de políticas agrícolas.

Revista da 14ª Jornada de Pós-Graduação e Pesquisa. ISSN 1982-2960 2526-4397.

Submetido: 21/08/2017 Avaliado: 27/09/2017.

Urcamp Bagé - RS, vol. 14, n.14, 2017.

estudos, a definição das tipologias baseou-se no sistema de produção empreendido pelos agricultores, pela categoria social do agricultor e por sua trajetória histórica. Embora com objetivo diferente, Miguel et al., (2013), fizeram uso das trajetórias históricas e os sistemas produtivos para identificar quatro principais tipologias de sistemas de produção existente no município de Passo Fundo. Miguel (2009), utilizando a abordagem dos sistemas agrários analisou dinâmica evolutiva da agricultura gaúcha bem como sua diferenciação, tendo como base a análise da influência das diferentes paisagens agrárias Estado e o desenvolvimento da agricultura.

Em relação aos pontos de reflexão entre as abordagens são possíveis apontar, ao menos seis pontos de diferenciação principais e que por sua vez incidem diretamente sobre o modo de apreender a diversidade da agricultura. O primeiro diz respeito ao fato de que enquanto a abordagem dos estilos de agricultura tem como ponto central o estudo da *relação da agricultura com os mercados*, sendo o mesmo apontado como gerador da diversidade, essa importância não é destacada na abordagem dos sistemas agrários. Sendo que para última, a diversidade está muito mais atrelada a interação entre aspectos ambientais, do local onde se faz agricultura, e a organização do sistema produtivo, como observou Miguel (2009). Ou seja, enquanto uma parte-se do pressuposto que a diversidade tem relação internas e externas às unidades agrícolas; para a segunda a diversidade como principalmente atrelada a organização interna da unidade de produção.

Um segundo aspecto se relaciona com a preocupação, dos trabalhos envolvendo a abordagem dos estilos de agricultura, em caracterizar e estudar os *tipos de mercados* nos quais estão inseridos os agricultores. Sendo que para isso articula de forma engenhosa os conceitos de autonomia e dependência. Tal relação entre os agricultores e o mercado é pouco observada na abordagem dos sistemas agrários, sendo que estudo aprofundado dos mercados, no qual determinado sistema agrário se insere, não faz parte dos referenciais básicos da abordagem.

Ainda no que diz respeito aos mercados, comumente os trabalhos, que empregam o referencial dos estilos de agricultura estudam as *estratégias não agrícolas* desenvolvidas no mundo rural, tal como o estilo “v” identificado por

Conterato (2008; 2010). Embora a existência destas estratégias sejam reconhecidas nos estudos envolvendo os sistemas agrários, sua percepção e análise é subsidiária à análise do sistemas de produção. Por outro lado, tratando-se das estratégias agrícolas, deve se reconhecer o mérito do estudo dos sistema de produção em analisar profundamente a tomada de decisão nos sistemas produtivos, via a caracterização técnica dos sistemas de criação, cultivo atividade e análise microeconômica das unidades de produção<sup>7</sup>.

Uma quarta diferença diz respeito à consideração da *agência dos atores*. Nessa direção a análise feita aqui permite destacar que a capacidade de ação dos indivíduos é elemento fundamental no conceito dos estilos de agricultura. Por sua vez a abordagem de sistemas agrários não reconhecem, ao menos explicitamente, esse aspecto, pautando-se mais na organização dos meios de produção para atingir a reprodução social. E por outro lado, também dando maior atenção à aspectos estruturais, principalmente relacionadas ao ambiente e a história. Intimamente próxima a essa diferença, deve-se destacar os *instrumentos heurísticos* utilizados por cada uma das abordagens na apreensão da realidade. Como destacado na segunda seção, enquanto os estilos de agricultura elaboram instrumentos de apreensão da realidade mais próximos ao conceito dos tipos ideias, os sistemas agrários fazem uso dos referenciais ligados ao realismo. É importante por fim mencionar às *origens* das duas abordagens. Enquanto a abordagem dos estilos de agricultura apresenta em sua essência uma maior ligação com as ciências sociais, a abordagem dos sistemas agrários parece apresentar uma forte ligação com as ciências agrárias.

Do exposto pode se considerar que, embora ambas abordagens apresentam o mesmo objeto de estudo e por vezes tenham convergências nas críticas ao modelo de agricultura hegemônico, por exemplo, o modo de apreensão da realidade bem como os instrumentos articulados para isso, apresentam diferenças importantes. Dessa maneira é mister ter-se clareza sobre tais diferenças e suas respectivas implicações teóricas no uso de cada uma.

7 Nesse sentido ver trabalho de Silva Neto (2016).

Cabe salientar que ambas abordagens tem sido principalmente utilizadas por pesquisadores comprometidos com a agricultura familiar e que procuram ir além dos modelos positivistas de apreensão da realidade. Por outro lado, também deve-se pontuar que *a-priori* nenhuma das abordagens foi construída com intuito de investigar apenas o universo familiar da agricultura. No entanto é notório a possibilidade de uso de ambas as abordagens para o conhecimento da diversidade da agricultura familiar, para além dos referenciais positivistas. De todo modo, muito embora sejam reconhecidas tais potencialidades das abordagens na apreensão da realidade, ainda são os enfoques positivistas que figuram como mais influentes no universo acadêmico e no desenvolvimento de políticas de desenvolvimento para a agricultura familiar.

## REFERÊNCIAS

- COMMANDEUR, M.A.M. **Styles of Pig Farming: A Techno-Sociological Inquiry of Processes and Constructions in Twente and The Achterhoek**. Tese de doutorado. Universidade de Wageningen, Guéldria, Holanda, 2003.
- CONTERATO, M.A.; SCHNEIDER, S.; WAQUIL, P.D. Estilos de Agricultura: uma perspectiva para a análise da diversidade da agricultura familiar. *Ensaio FEE*, v. 31, p. -149--186, 2010.
- DUFUMIER, M. **Projetos de desenvolvimento agrícola**. Manual para especialistas. Salvador, EDUFBA, 2007
- ELLIS, F.; BIGGS, S. Evolving themes in rural development 1950s - 2000s. *Development Policy Review*, v. 19, n. 4, p. 437 - 448, 2001.
- FAO/INCRA. Diretrizes de Política Agrária e Desenvolvimento Sustentável. Brasília, **Versão Resumida do Relatório Final do Projeto UTF/BRA/036**, 1994.
- GUANZIROLI, C.E.; CARDIM, S.E.C.S. (Org.). **Novo retrato da agricultura familiar: o Brasil redescoberto**. Brasília: INCRA; FAO, 2000.
- KAGEYAMA, A.; BERGAMASCO, S.M.P.; A estrutura da produção no campo em 1980. *Perspectivas*, São Paulo, v. 12, p. 55-72, 1989.
- LENIN, V.I. **O desenvolvimento do capitalismo na Rússia: O processo de formação do mercado interno**. [tradução de Paulo Bezerra] - São Paulo: Nova Cultura, 1988.
- LONG, N. **Sociología del Desarrollo: una perspectiva centrada en el actor**. México: Ciesa, 2007.
- MAZOYER, M.; ROUDART, L. **História das agriculturas no mundo: do neolítico à crise contemporânea**. [tradução de Cláudia F. Falluh Balduino Ferreira]. - São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: NEAD, 2010.

MIGUEL, L.A. (Org.). **Dinâmica e Diferenciação de Sistemas Agrários**. 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 147 p., 2009.

MIGUEL, L.A.; FRITZ, K. B. B. A diversificação produtiva adotada pelos produtores familiares das unidades de produção do município de Passo Fundo ao longo do tempo: **Revista IDEAS**, v. 7, p. 135-173, 2013.

NIEDERLE, P.A. **Mercantilização, estilos de agricultura e estratégias reprodutivas dos agricultores familiares de Salvador das Missões, RS. 2007**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) – PGDR, UFRGS, Porto Alegre, 2007.

NIEDERLE, P. A. Revisitando do conceito de produção simples de mercadorias. In: Encontro Nacional dos estudantes de geografia agrária. 19. 2009, São Paulo (SP), **Anais...** São Paulo: XIX ENGA, 2009.

PLOEG, J.D. **Camponeses e a Arte da Agricultura**. São Paulo/Porto Alegre: Editora Unesp/ Editora da UFRGS, 2016.

PLOEG, J.D. **Camponeses e os Impérios Alimentares**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

PLOEG, J.D. Styles of farming: an introductory note on concepts and methodology. In: PLOEG, J.D.; LONG, A. **Born from within**: practices and perspectives of endogenous rural development. Assen: Van Gorcum, 1994.

PLOEG, J.D. **The virtual farmer**: past, present and future of the Dutch peasantry. Assen: Van Gorcum, 2003.

SCHNEIDER, S. Agricultura familiar e desenvolvimento rural endógeno: elementos teóricos e um estudo de caso. In: Froehlich, J. M.; Diesel, V. (Org.). **Desenvolvimento Rural - Tendências e debates contemporâneos**. Ijuí: Unijuí, 2010.

SCHNEIDER, S. **Agricultura Familiar na Cadeia Produtiva do Algodão na América Latina** – elementos conceptuales y metodológicos para las políticas públicas. Documento à ser publicado, 2016.

SCHNEIDER, S.; CASSOL, A.P. El perfil agrícola de la agricultura familiar en Brasil. In: Abel Cassol. (Org.). **La agricultura familiar en América Latina**. 1 ed..Roma: FIDA, v., p. 54-71, 2014.

SILVA NETO, B.; BASSO, D. (Org.) **Sistemas Agrários do Rio Grande do Sul. Análise e Recomendações de Políticas**. Ijuí: Editora UNIJUÍ, ed. 2, 2015.

SILVA NETO, B. **Agroecologia e análise econômica de sistemas de produção**: Uma abordagem baseada no materialismo histórico e dialético. Cerro Largo: Universidade Federal da Fronteira Sul, v. 1. 128p. 2016.

WIVES, D.G. **Funcionamento e performance dos sistemas de produção da banana na microrregião do Litoral Norte do Rio Grande do Sul**. 164 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) – PGDR, UFRGS, Porto Alegre, 2008.